



Diálogos necessários e interfaces possíveis entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística: entrevista com a professora e pesquisadora Jacyra Andrade Mota

*Necessary dialogues and possible interfaces between Dialectology and Sociolinguistics:
interview with professor and researcher Jacyra Andrade Mota*

Clézio Roberto Gonçalves*
Universidade Federal de Ouro Preto
Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Josane Moreira de Oliveira**
Universidade Estadual de Feira de Santana/ Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

O convite feito a Jacyra Andrade Mota¹ para conversar sobre os diálogos e as interfaces entre Dialetoлогия e Sociolinguística se deveu, primeiramente, à contribuição da professora e pesquisadora aos estudos dialetológicos e sociolinguísticos no Brasil, além de grande contribuição na formação de inúmeros professores no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, ministrando aulas na graduação e na pós-graduação. A trajetória de Jacyra Andrade Mota se faz por meio de um compromisso grande e responsável também com a área da Geolinguística, como pode ser visto nos inúmeros artigos, capítulos e livros publicados, como coautora: *Atlas linguístico de Sergipe*

* Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (UFOP). E-mail: cleziorob@gmail.com.

** Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UEFS) e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA). E-mail: josanemoreira@hotmail.com.

¹ Jacyra Mota Andrade foi a professora homenageada no IX Encontro de Sociolinguística, que aconteceu no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador, *campus* de Ondina, nos dias 1 e 2 de agosto de 2019, promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Instituto Federal da Bahia (IFBA), com o tema “Sociolinguística: quebrando tabus e inovando na escola”.

(FERREIRA et al., 1987)², *Quinhentos anos da história linguística do Brasil* (MOTA; CARDOSO; SILVA, 2006)³ e *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1 e 2 (CARDOSO et al., 2014)⁴.

Jacyra Andrade Mota é doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professora aposentada e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), credenciada como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), através do Programa Especial de Participação de Professores Aposentados (PROPAP). Como pesquisadora e bolsista do CNPq, atua, principalmente, nas subáreas da Sociolinguística e da Dialetoлогия, participando dos seguintes projetos: Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil (membro do Comitê Nacional que o coordena, com a função de Presidente); Projeto NURC – Norma Urbana Culta (integrante do grupo que o implantou em 1970, com trabalhos na área de morfossintaxe e de fonética-fonologia); Projeto de intercâmbio entre a Universidade Federal da Bahia e a Université Paris XIII (Projeto CAPES – COFECUB 651/09), que coordenou no período 2009-2013).

A vida profissional e acadêmica da professora Jacyra Mota é, sem dúvida, um compromisso social e político para com a nossa língua portuguesa no Brasil, nos dizeres de Cardoso (2006, p. 34).

Jacyra Andrade Mota não só faz parte da história, mas, sobretudo, da construção dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos do Brasil.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Professora Jacyra, a senhora se define como dialetólogo ou como sociolinguista? Por quê?

Jacyra Mota: Eu tenho formação nessas duas áreas e tenho trabalhado nas duas, de tal forma que não sei como responder a essa indagação. Prefiro registrar, a propósito, um pouco da minha história nessas áreas.

A formação em Dialetoлогия ocorreu bem cedo, através das aulas de Nelson Rossi, a partir de 1958, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia, e o primeiro trabalho nessa linha foi a elaboração do *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS)⁵, juntamente com a equipe de professores de Língua Portuguesa. A iniciação em pesquisas de campo ocorreu em 1963, quando foram realizados os primeiros inquéritos de sondagem, em quatro localidades de Sergipe.

Os dados registrados em Sergipe propiciaram, não só a elaboração do ALS, como inúmeros outros trabalhos, entre os quais a tese para Professor Assistente — exigência que atingiu, em uma determinada época, alguns professores — e a Dissertação de Mestrado, ambas com dados de Ribeirópolis, uma das localidades da rede de pontos do ALS.

² FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

³ MOTA, Jacyra A., CARDOSO, Suzana A., SILVA, Rosa V. M. (Orgs.). *Quinhentos anos da história linguística do Brasil*. Salvador: Gráfica da Bahia, 2006.

⁴ CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014. 2v.

⁵ FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

Além das disciplinas de Dialetoлогия e alguns trabalhos apresentados a congressos e publicados como artigos ou capítulos de livros, volto-me a dedicar mais diretamente a essa linha, em 1996, quando, por iniciativa de Suzana Alice Cardoso, se iniciou o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, projeto que, seguindo os parâmetros da atual Geolinguística Pluridimensional, aliava aos princípios metodológicos anteriormente adotados, alguns dados de caráter social, propiciando análises com enfoque sociolinguístico.

Entre esses dois tempos de dedicação à Dialetoлогия, iniciei a minha incursão pela área da Sociolinguística, em 1973, no VI Instituto Brasileiro de Linguística⁶, na Universidade Federal da Santa Catarina, no curso de Sociolinguística, ministrado por Jürgen Heye (PUC-RJ). Como trabalho final dessa disciplina, apresentei os resultados de um pequeno teste de avaliação subjetiva sobre a fala de diferentes áreas do Brasil⁷.

E, continuando o interesse sobre essa área, escrevi, na linha da Sociolinguística Laboviana, com dados do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), a tese de Doutorado.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Poderia definir rapidamente a área da Sociolinguística?

Jacyra Mota: Pode-se considerar a Sociolinguística como uma das áreas da Linguística que tem como objeto de estudo a língua falada, em uso em uma comunidade de fala, como referido por Labov, no capítulo 8 do *Sociolinguistic patterns*, 1972⁸, lembrando que o autor manifesta estranheza quanto ao termo, considerando-o redundante, pela relação intrínseca entre língua e sociedade em qualquer investigação de caráter linguístico.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: E qual a relação entre a Sociolinguística e a Dialetoлогия?

Jacyra Mota: Considerando que tanto a Sociolinguística quanto a Dialetoлогия se ocupam do mesmo objeto de estudo — a variação linguística — é esperado que apresentem pontos convergentes, tal como apontam diversos pesquisadores, como, por exemplo, Silva Corvalán (1988):

Sociolinguística e Dialetoлогия têm sido consideradas até certo ponto sinônimas, na medida em que ambas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que

⁶Antes de se implementarem nas universidades brasileiras os programas de Pós-Graduação, os Institutos de Linguística ministravam cursos, com duração de dois meses, que forneciam créditos para o Mestrado.

⁷ Cf. MOTA, Jacyra Andrade. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA, Carlota et al. (Org.). *Diversidade do português do Brasil*. Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 155-168.

⁸ LABOV William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

ocorrem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos (SILVA CORVALÁN, 1988, p. 8)⁹.

Contudo, mais adiante, a linguista aponta alguns aspectos que se podem arrolar como desencontros entre a Sociolinguística e a Dialectologia, entre os quais estão a metodologia utilizada para o registro de dados; a consideração de atitudes subjetivas em relação às variantes dialetais e as variáveis sociais que a elas se associam; a utilização de métodos estatísticos de análise; a quantidade de dados documentados em cada localidade.

Trazendo à discussão, outro linguista, podemos citar Lope-Blanch, que, em conferência apresentada ao *II Coloquio de Lingüística Hispánica*¹⁰ intitulada “La Sociolingüística y la Dialectología Hispánica”, aponta relações ou coincidências entre as duas perspectivas de estudos linguísticos.

O estudo dos diferentes níveis sociais da fala é o objetivo que define a Sociolinguística, de acordo com alguns estudiosos (...). É também tema fundamental para a Dialectologia, pelo menos segundo a concepção de muitos dialetólogos. E foi também para a filologia clássica e românica, como o provam trabalhos realizados no passado. (...)

No entanto, algumas vezes, a comunidade, outras, a afinidade entre os temas estudados pela Dialectologia e a Sociolinguística não permitem supor que se trate de uma mesma ciência batizada com dois nomes diferentes. E isso, creio, por dois motivos fundamentais: em primeiro lugar, porque Dialectologia e Sociolinguística têm objetivos ou finalidades diversos, do que se conclui que seus enfoques e métodos tenham de ser, muitas vezes, pelo menos relativamente diferentes. E, em segundo lugar, porque, além dos campos de interesse comuns, cada uma delas possui aspectos peculiares e privativos (LOPE BLANCH, 1978, p. 51, 53)¹¹.

As coincidências ou divergências refletem-se, inclusive, em denominações atribuídas à Sociolinguística, como: Dialectologia urbana (CHAMBERS; TRUDGIL, 1994, p. 81-88)¹²; Dialectologia social (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 9); ou apenas Dialectologia,

⁹ SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. México: Alhambra, 1989. p. 9. Tradução nossa.

¹⁰ LOPE-BLANCH, Juan. La Sociolingüística y la Dialectología Hispánica. Conferência apresentada ao II Coloquio de Lingüística Hispánica, Flórida, julho de 1975. In: ALVAR, M; LOPE BLANCH, J. (Orgs). *En torno a la Sociolingüística*, México: Instituto de Investigaciones Filológicas. Centro de Lingüística Hispánica, 1978. p. 35-58. Tradução nossa.

¹¹ Texto original: El estudio de los distintos niveles sociales del habla es el objetivo definitorio de la sociolingüística, de acuerdo por lo menos con algunos tratadistas, conforme hemos indicado. Es también tema fundamental para la dialectología, al menos según muchos dialectólogos la concebimos. Y lo ha sido también para la filología clásica y románica, según lo prueban trabajos por ella realizados en el pasado. (...) Ahora bien: la comunidad, unas veces, o la afinidad, otras, de los temas de estudio que ocupan a la dialectología y a la sociolingüística, no permiten suponer, desde luego, que se trate de una misma especialidad científica bautizada con dos diferentes nombres. Y ello — creo — por dos motivos fundamentales: En primer lugar, porque dialectología y sociolingüística tienen objetivos o finalidades diversos, de lo cual se sigue que sus enfoques y sus métodos hayan de ser muchas veces a menos relativamente diferentes. Y, en segundo lugar, porque además de los campos de interés común, cada una de ellas posee parcelas peculiares y privativas. Tradução nossa.

¹² CHAMBERS, J.K.; TRUDGIL, P., *La dialectología*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994. [1980]. Tradução nossa para o português.

como observa Rossi (1978), na conferência intitulada Sociolinguística e Dialectologia: as palavras, os fatos¹³

Na minha opinião pessoal, talvez suspeita, apesar da inegável sofisticação que caracteriza os confrontos e as correlações entre o linguístico e o social, não violentaria a lógica, nem a epistemologia, nem a história da linguística, continuar chamando ao que se faz como Sociolinguística **Dialectologia** [Grifo no original]. Assim, sem mais nada, ou como Dialectologia moderna, como se faz com a álgebra, ou com a matemática, ou com a física, ou com a lógica.

Mas atenção, isso é simples comentário, não é uma proposta. Porque a preferência manifesta, e tão generalizada que aparenta ser universal, por um novo nome constitui por si um fato social e linguístico – logo Sociolinguístico – que não se deve subestimar (ROSSI, 1978).

Chama também a atenção para os pontos comuns e distintivos a denominação Sociolinguística Espacial atribuída à Dialectologia por D'Agostino e Pennisi. (1995), em texto sobre o *Atlas Linguístico da Sicília*¹⁴.

Outro aspecto a considerar, com relação aos pontos semelhantes e divergentes entre Dialectologia e Sociolinguística, é que se está considerando a Dialectologia pluridimensional contemporânea, surgida no fim do século passado, que se aproximou, do ponto de vista metodológico, dos princípios da Sociolinguística.

Essa nova Dialectologia foi discutida em alguns congressos, como no XXI e no XXII Congressos Internacionais de Linguística Românica, em 1995 e em 1998, respectivamente¹⁵, evento em que o dialetólogo Harald Thun apontou as primeiras tentativas de inclusão sistemática de outros parâmetros, além do diatópico, em atlas bidimensionais — como o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) — e apresentou o Atlas Linguístico y Diatópico Diastrático del Uruguay (ADDU), ainda em desenvolvimento (cf. Thun, H; Elizaincín, A.)¹⁶, em que seriam consideradas oito dimensões.

As dimensões por ele citadas são: (a) dialinguística ou dialingual (considerando a variação gerada pela coexistência do espanhol e do português no território uruguaio); (b) diatópica-topostática (falantes demograficamente estáveis); (c) diatópica cinética (falantes que se deslocaram de/para outros lugares); (d) diastrática (dois níveis socioculturais); (e) diageracional (duas gerações); (f) diasssexual (falantes masculinos e femininos); (g) diafásica

¹³ Proferida na 30ª. Reunião anual da SBPC, São Paulo, USP, 1978. Não publicada.

¹⁴ Cf. D'Agostino, M.; Pennisi, A. *Per un modelli e rappresentazione della variabilità linguística nell'esperienza dell'Atlante Linguístico della Sicília* (ALS). Palermo: Centro Studi Filologici e Linguistici Siciliani; Istituto de Filologia e Linguística, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1995.

¹⁵ Publicados em: XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza, Università di Palermo, set.1995, *Atti...* Tübingen: Max Niemeyer, 1998; XXIIº Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Bruxelles, 1998, *Actes...* Tübingen: Max Niemeyer, 2000.

¹⁶ Cf. THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo (Orgs.). *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU). Kiel: Westensee, 2000.

(três estilos: leitura, respostas a questões e conversas espontâneas); e (h) diarreferenciais (confronto entre a “fala objeto” e comentários metalinguísticos)¹⁷.

A Dialetoлогия pluridimensional distingue-se da Dialetoлогия monodimensional, hoje referida como tradicional, também pela extensão das pesquisas a todas as áreas, sem o interesse apenas por áreas rurais, isoladas, que norteou o aparecimento da Dialetoлогия, no século XIX, o que explica a denominação de Dialetoлогия urbana; e pelo tipo de falante entrevistado, com o abandono daquele até então identificado pelo acrônimo NORMs (= *nonmobile, older, rural, males*) -- ou HARAS (= homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário), na proposta de Zágari (2005, p. 52)¹⁸.

Deve-se considerar, ainda, a proporção com que esses novos parâmetros são contemplados, de modo a não se estabelecer uma distância metodológica grande entre o que se entende como Dialetoлогия e o que se identifica como Sociolinguística.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: E o que significa exatamente Geolinguística?

Jacyra Mota: A Geolinguística, anteriormente identificada como Geografia linguística, consiste no método preferentemente utilizado em pesquisas dialetológicas para que se documente a variação, sobretudo espacial. Dispõe de técnicas para coleta de dados *in loco* e representação cartográfica dos dados que se têm revelado adequadas para o estudo dialetológico.

Como observa Elizaincín (2010, p. 17): “A geografia linguística não é uma disciplina que epistemologicamente tenha o mesmo status [que a Dialetoлогия]: trata-se de um método possível (recomendável) para capturar a variação através de sua sofisticada bateria de técnicas de coleta de dados e representação cartográfica”¹⁹.

¹⁷ Cf. THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Bruxelles, 1998. *Actes...* Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 366-388.

¹⁸ ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.

¹⁹ Cf. ELIZAINCÍN, A. Socio Y Geolinguística: nueva alianza en los estudios sobre el uso linguístico. *Estudios lingüísticos e Literários*, 41, Salvador, UFBA, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, p. 13 - 28, jan/jun. 2010. Texto original: (...) Y la geografia lingüística, hoy geolinguística, no es disciplina que epistemológicamente tenga el status de ella [referindo-se à Dialetoлогия]: se trata de un método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordenamiento y representación cartográfica (metáfora del espacios) de los mismos. Tradução nossa.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Como a senhora avalia os caminhos trilhados pela Sociolinguística e pela Dialectologia no Brasil?

Jacyra Mota: Acredito que são caminhos de muita produção e de muito êxito, de tal modo que o Brasil aparece, em igualdade de condições com os demais países que se dedicam a pesquisas nessas áreas.

A existência de associações científicas brasileiras, como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPOLL), a presença de sociolinguistas e dialetólogos brasileiros, como associados ou como Diretores, em associações internacionais, como a Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), a Societé de Linguistique Romane (SLR), a Associação Internacional de Linguística do Português (AILP), entre outras, assim como em publicações estrangeiras, é mais uma comprovação da vitalidade das pesquisas nessas áreas.

Na ANPOLL, que se estrutura em GTs (Grupos de Trabalho) temáticos, o GT de Sociolinguística, criado no I Encontro Nacional da ANPOLL, em 1985, inicialmente identificado como GT de Sociolinguística e Bilinguismo, hoje se desenvolve em quatro eixos que procuram abarcar a diversidade de enfoques em pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas: 1. Variação e Mudança Linguísticas, de cuja coordenação eu participo, juntamente com as colegas Silvia Brandão (UFRJ), Marcia Machado Vieira (UFRJ) e Izete Coelho (UFSC); 2. Contato, variação e identidade, com Mônica Saavedra (UFF) e Karen Spinassé, (UFRGS); 3. Sociolinguística e Ensino, com Sílvia Vieira (UFRJ) e Joyce Baronas (UEL); 4. Questões teóricas e metodológicas, com Marco Antônio Martins (UFSC), Rosane Berlinck (UNESP-Araraquara) e Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF).

Pode-se citar, também, o sucesso das *lives* desenvolvidas no momento de pandemia, por iniciativa de diversas universidades e associações, que têm contado com a presença de pesquisadores estrangeiros renomados, em atuação junto aos brasileiros.

A seguir, passo a comentar, mais pormenorizadamente, os caminhos seguidos pela Dialectologia e pela Sociolinguística no País.

Os estudos dialetológicos

Com relação aos caminhos, no Brasil, das duas áreas, ressalto que o estudo da variação linguística referente ao português, iniciou-se, de modo sistemático, em 1957, na UFBA, sob a coordenação de Nelson Rossi, com a realização dos primeiros inquéritos para sondagem, que se estenderam até 1959.

Análises desses dados, apresentadas a Congressos como o Primeiro Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, em Porto Alegre, em 1958, e o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1959, em Salvador, contribuíram para a continuidade das pesquisas dialetais, levando a equipe baiana à elaboração e publicação

do primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, 1963)²⁰.

O início do Atlas Linguístico de Sergipe se deu, logo após a publicação do APFB, quando a equipe baiana — então constituída por Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e por mim — deu continuidade à pesquisa dialetológica, sob a coordenação de Carlota Ferreira e iniciou a primeira sondagem no vizinho estado de Sergipe — área que integra o chamado “falar baiano”, na proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953)²¹.

As sondagens linguísticas iniciais foram realizadas em 1963 e 1964, com a presença de estudantes de Letras concluintes e os inquéritos definitivos, em 1967-1968, pelo grupo de professores da equipe. O *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (FERREIRA et al., 1987) ficou pronto em 1973, mas só foi possível publicá-lo em 1987.

A publicação do APFB desempenhou importante papel motivador para que se elaborassem e publicassem novos atlas linguísticos, além do ALS, nessa segunda metade do século 20, como o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO, José et al., 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, Cleuza, 1984) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, Vanderci, 1994), apresentado, inicialmente, como tese de Doutorado, em 1990²².

Esses primeiros passos no sentido de “criar uma mentalidade dialetológica” no Brasil, como postulava Serafim da Silva Neto, deu margem também a artigos apresentados a Congressos, monografias, dissertações e teses.

Não foi possível, no entanto, obter um número representativo de atlas regionais, como idealizaram Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi, de modo a chegar-se à recolha da variedade dialetal do português do Brasil e à elaboração de um atlas nacional. Além disso, alguns atlas, então iniciados, ficaram interrompidos por razões externas ao desejo dos pesquisadores, como, por exemplo, o de São Paulo, cuja etapa de realização dos inquéritos estava concluída desde 1988, como observa Brandão (1991)²³ e o do Estado do Ceará, iniciado em 1978, que veio a ser publicado em 2010²⁴.

O caminho para o desejado atlas linguístico do Brasil, só começou a configurar-se em 1996, quando se iniciou o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, cujos dois

²⁰ Rossi, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1963

²¹ Nascentes, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

²² RIBEIRO, José et al., *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977; ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, 1984; FERREIRA, Carlota et al., *Atlas Linguístico de Sergipe*, Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987; AGUILERA, Vanderci. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

²³ Cf. BRANDÃO, Sílvia. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991, p. 69, n. 11.

²⁴ Cf. BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.) *Atlas Linguístico do Ceará*. V. I – Introdução, V.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

primeiros volumes foram publicados em 2014 (CARDOSO et al., 2014)²⁵ e, em 2018, também como *e-book*.

O surgimento do ALiB deu grande impulso à Dialetoлогия no Brasil, incentivando a produção de muitas dissertações e teses de pós-graduandos, a partir dos dados já existentes ou com levantamento de novos dados, e o surgimento de alguns atlas estaduais, como o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007)²⁶ e do *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004)²⁷, não publicado, assim como de atlas identificados como “de pequeno domínio”, que cobrem áreas mais reduzidas, como, por exemplo, o *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* (LIMA, 2006), o *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANIN, 2007)²⁸ ou de atlas contatuais como o *Atlas Linguístico-Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato* (REIS, R., 2013)²⁹, entre outros.

Essa modificação no cenário da Dialetoлогия, levou Cardoso e Mota (2006) à proposta de uma nova fase, a 4ª., na história dos estudos dialetais no país, que assim justificam a proposta:

Analisando o crescimento da atividade nessa área, verifica-se, na maioria dos casos, uma ligação estreita com o Projeto ALiB, quer em função do caráter interinstitucional desse Projeto, quer pela ação deliberada dos membros do Comitê Nacional que o coordena, no sentido de ampliar o interesse pela Geolinguística e agregar um maior número de pesquisadores, de modo a superar as dificuldades inerentes a um projeto de âmbito nacional. (...)

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional — monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. — que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional” (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 20-21)³⁰.

Para Romano (2013) a 4ª. fase, a partir dos anos sessenta do século passado até os dias atuais, no que se refere ao método geolinguístico e aos seus produtos, compreende dois momentos: o primeiro, até 1996, ano em que o início do Projeto Atlas Linguístico

²⁵ CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas Linguístico do Brasil*, v. I, II. Londrina: EDUEL, 2014.

²⁶ OLIVEIRA, Dercir (org.) *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

²⁷ CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas*. 2004. 2 v. Tese. (Doutorado em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2 v. 2004.

²⁸ LIMA, *Atlas Linguístico-Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2006; CRISTIANIN, Adriana Cristina, *Atlas Semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3. v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

²⁹ REIS, Regiane. *Atlas Linguístico-Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato*. 2013. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

³⁰ CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, S.; MOTA, J. *Documentos 2*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26

do Brasil inauguraria um segundo momento; o segundo, a partir dessa data. Justifica o autor:

O Primeiro Momento da Geolinguística no Brasil (...) tem como traço marcante a concretização da “mentalidade dialetológica” com obras que deram um primeiro impulso para a Geolinguística brasileira, indicando a necessidade de se empreenderem trabalhos empíricos para melhor conhecer o português do Brasil. O Segundo Momento, de 1996 até a atualidade, caracteriza-se pelo incremento de outras variáveis à dimensão diatópica, bem como por enfoques de análises diferenciados no tratamento dos dados, que se refletem, sobretudo, na elaboração de atlas de pequeno domínio (ROMANO, 2013)³¹.

Os estudos sociolinguísticos

O caminho dos estudos sociolinguísticos pode-se considerar iniciado em 1969, com a introdução do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), versão para o português do *Proyecto de estudio conjunto y coordinado de la norma lingüística urbana culta de las principales ciudades de Hispanoamérica y de la Península Ibérica*, proposto em 1961, por Juan Lope-Blanch (Universidade Nacional Autónoma do México), no II Simpósio do Programa Interamericano de Lingüística y Enseñanza de Idiomas (PILEI) realizado em Bloomington.

Embora tenha surgido no início dos anos 60 do século passado, época em que a Sociolinguística ainda não se havia implantado, o Projeto NURC aproxima-se da metodologia que se tornaria básica nos estudos sociolinguísticos, incluindo outras variáveis (sexo, faixa etária e tipo de elocução), ao lado da diatopia, e constituindo amostras de fala relativas a cerca de um sétimo da população urbana de cada cidade, o que forneceu dados linguísticos suficientes para análises na linha da Sociolinguística Variacionista, que iria predominar logo a seguir.

O Projeto NURC, iniciado, no Brasil, por Nelson Rossi, levou ao surgimento de muitos outros projetos com objetivos semelhantes e utilização da mesma metodologia, como, por exemplo, o Projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Projeto CENSO), em 1980, a propósito do qual diz Scherre (1996, p. 31):

O principal objetivo deste grupo de pesquisa era a busca da norma não culta do português falado no Brasil, uma vez que (...) já estava em funcionamento o grupo de pesquisa NURC, cujo objetivo principal era a busca da norma urbana culta. Desta forma, seria possível traçar um quadro mais completo da realidade lingüística urbana brasileira (SCHERRE, 1996, p. 31)³².

Na mesma linha do Projeto CENSO, o Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP), criado em 1998, teve como objetivo documentar a

³¹ ROMANO, Valter. *Entretextos*, Londrina, v.13, nº 02, p. 203 - 242, jul./dez. 2013. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em 8.06.2020.

³² SCHERRE, Marta. Breve histórico do Programa de Estudos sobre o uso da língua. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta. *Padrões sociolingüísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. RJ: Tempo Brasileiro, 1996. p. 29-36.

“fala popular de Salvador, para que se pudesse estudar suas peculiaridades linguísticas e se prosseguisse a investigação de fenômenos já verificados na fala de sujeitos com escolaridade superior”, como observa Silva (2009), em seu Prefácio³³. Também com esse objetivo, iniciou-se, em 2004, o projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), coordenado por Aluiza Alves de Araújo.

O fato de o Projeto NURC haver estabelecido a inclusão de cinco capitais — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, em razão dos critérios de antiguidade, população e distribuição geográfica, pesquisadores de outras áreas iniciaram projetos elaborados com base na metodologia do NURC — ou com pontos com ela coincidentes — de modo a obter dados comparativos. Assim surgiram, por exemplo, projetos como: Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) e Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), ambos iniciados em 1993, o primeiro por Dermeval da Hora Oliveira; o segundo, por José Lemos Monteiro.

Os dados fornecidos pela documentação desses projetos possibilitaram, nas universidades brasileiras, um grande número de análises sociolinguísticas, atendendo à demanda para a elaboração de teses e dissertações, exigência dos cursos de pós-graduação, que, então, começavam a se implantar.

A presença, no Brasil, de professores estrangeiros ou formados em instituição estrangeiras, com experiência ou conhecimentos na área sociolinguística, tanto nos Institutos de Linguística, já citados, quanto em cursos de pós-graduação regulares, foi também um fator decisivo para a expansão da área.

De referência aos cursos de pós-graduação regulares, é exemplar o testemunho de Scherre (1996, p. 29), no trecho:

Em 1975, o professor Anthony Julius Naro daria, no curso de mestrado da PUC/RJ, uma disciplina sobre línguas em contato. Antes de iniciar-se a primeira aula, as alunas perguntaram se o referido professor não poderia ministrar um curso de Teoria da Variação de linha laboviana. Com a simplicidade científica que lhe é peculiar, o professor Naro respondeu que naquele dia não poderia iniciar o curso sobre Teoria da Variação (...), mas na semana seguinte ele poderia recomençar a disciplina falando sobre Teoria da Variação. E assim aconteceu. Ali, naquele momento, estava plantada a semente de pesquisas variacionistas sobre o português falado no Brasil (SCHERRE, 1996, p. 29).

A área Sociolinguística estendeu-se por todo o País, diversificou-se quanto à metodologia, chegando, hoje, ao que se considera a 3ª. onda dos estudos sociolinguísticos e à pluralidade de abordagens, como se pode ver em Mollica e Ferrarezi Jr. (2016), na obra intitulada *Sociolinguística, sociolinguísticas*. Uma introdução³⁴.

³³ SILVA, Myrian Barbosa da. Prefácio. In: LOPES, Norma; SOUZA, Constância Maria; SOUZA, Emília Helena. (Orgs.). *Um estudo da fala popular de Salvador - PEPP*. Salvador: Quarteto, 2009. p. 7-9.

³⁴ MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr., Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas*. Uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Sabemos que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sob a sua presidência, tem um caráter Geossociolinguístico. Pode nos falar um pouco sobre essa marca de identidade do Projeto ALiB?

Jacyra Mota: Identificam-se, atualmente, como geossociolinguísticas as pesquisas que buscam aliar à dimensão geolinguística ou diatópica a dimensão sociolinguística ou social, documentando, em cada localidade, a fala de indivíduos estraticamente diversificados quanto ao sexo, à faixa etária, ao grau de escolaridade, ao grau de mobilidade, etc.

No caso do Projeto ALiB, o caráter geossociolinguístico explica-se pela estratificação dos informantes quanto ao sexo, a faixa etária — a primeira de 18 a 30 anos, a segunda de 50 a 65 anos — e, nas capitais, também quanto aos níveis de escolaridade — fundamental e universitário — aliada à diatopia.

O que se observa, no Projeto ALiB, como em outros projetos geossociolinguísticos, é que a prioridade dada à diatopia, em geral, determina a redução dos parâmetros variacionais e/ou dos falantes entrevistados. No caso do ALiB somou-se a essa opção a extensão da área a pesquisar, tornando inviável, por exemplo, a realização de maior número de entrevistas e a inclusão de uma faixa de idade intermediária entre a dos mais jovens e a dos mais idosos, que o Comitê Nacional chegou a cogitar.

Como os resultados das pesquisas estão diretamente ligados à metodologia utilizada, as análises realizadas a partir dos dados do ALiB não permitem afirmações conclusivas sobre a variação observada, mas fornecem indícios que podem ser cautelosamente interpretados. Esses indícios poderão ser confirmados com a análise de um maior volume de dados, em pesquisas que não se estendam por grandes áreas e não priorizem o fator diatopia.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Para a senhora, quais as fases de uma pesquisa linguística empírica?

Jacyra Mota: A depender da amplitude da pesquisa, creio que será possível prever cinco fases sucessivas: a) elaboração do Projeto de Pesquisa; b) preparação dos instrumentos de coleta para o trabalho de campo; c) execução da pesquisa no campo; d) tratamento dos dados no retorno de campo e) tratamento e análise dos dados.

1.1 ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Escolhido e delimitado o tema sobre o qual se pretende realizar a pesquisa, é necessário que se elabore um Projeto de Pesquisa, em que se especifique, com clareza, qual o objeto de estudo, que objetivos se pretende alcançar, que metodologia será utilizada, qual o tempo de que se dispõe e a sua adequação ao que se pretende realizar, que bibliografia existe sobre o tema.

No caso de uma pesquisa linguística empírica, é preciso também que se procure levantar dados sobre as áreas que vão ser visitadas pelo pesquisador, relativas, por exemplo ao seu desenvolvimento econômico e sociocultural, aos meios de comunicação para os deslocamentos, à sua história passada e recente, a características como clima, festas locais, itens que ajudarão a selecionar as localidades, de acordo com o que se pretende documentar, a decidir a melhor época para realizar a pesquisa e a preparar um questionário linguístico mais adequado, etc.

O Projeto deve ser submetido a um Comitê de Ética e só pode ser implementado, após a sua aprovação

1.2 PREPARAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA PARA O TRABALHO DE CAMPO, DE ACORDO COM A METODOLOGIA QUE SERÁ UTILIZADA

Nas pesquisas linguísticas, a preparação dos instrumentos de coleta de dados é uma das fases mais importantes, que dependerão, essencialmente, do que se pretende registrar. Esses instrumentos podem ser: questionários linguísticos, gravuras, *realia*, objetos, principalmente em miniaturas, que os entrevistados devem identificar e nomear, aparelhos para o registro dos dados orais ou de fotos ou de movimentos, material para anotações.

No caso das pesquisas linguísticas, pode haver bastante diversidade, de acordo com o tipo de entrevista que se pretende fazer. Quanto ao número de indivíduos entrevistados ao mesmo tempo, podemos ter, por exemplo:

- a) Uma pessoa de cada vez, que responde às perguntas do entrevistador, como na pesquisa para o Projeto ALiB.
- b) Dois indivíduos, que conversam entre si, como nos Diálogos entre dois informantes, identificados como D2, do Projeto NURC, que se distribuíram quanto ao sexo e à idade, de modo a que se obtivessem diálogos entre falantes dos dois sexos, do mesmo sexo, de idades diferentes ou da mesma idade, em combinações do tipo: Homem jovem com homem jovem (H1 x H1); homem jovem com homem da faixa etária intermediária (H1 x H2); homem jovem com homem mais idoso (H1 x H3); homem jovem com mulher jovem (H1 x M1); homem jovem com mulher da faixa intermediária (H1 x M2), homem jovem com mulher mais idosa (H1 x M3), etc.
- c) Várias pessoas ao mesmo tempo, desde que todas preencham os requisitos básicos exigidos pela pesquisa, como se lê na parte introdutória do *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*:

Malgrado os abalizados critérios de Jules Gilliéron, Antoine Meillet e Albert Dauzat, dirigimos nossa entrevista, sempre que possível, numa conversa, **ao mesmo tempo** [grifo no original] com vários informantes, sendo um o principal, enquanto os demais confirmavam ou enriqueciam as informações (...). Na verdade, a possibilidade de um ou de vários informantes foi-nos indiferente (RIBEIRO et al., 1977, p. 28).

Para esse tipo de entrevista, o pesquisador deve dispor de aparelhos adequados e de boa qualidade, de modo a realizar um bom registro, sem superposição de vozes que dificultem a transcrição posteriormente.

Quanto à metodologia para a obtenção dos dados, pode-se utilizar um questionário previamente elaborado, como, em geral, nas pesquisas geolinguísticas, ou apenas um roteiro para incentivar a conversa com o entrevistado — como, por exemplo, foi feito para a documentação dos dados do Projeto NURC.

No caso de um questionário previamente elaborado, há questões inteiramente formuladas para a obtenção de determinadas respostas e questões que o falante deve completar, esse último tipo sobretudo em questionários fonético-fonológicos (QFF).

Exemplificam o primeiro caso, as questões:

- a) “Para comer uma banana, o que é que se tira?”, para a obtenção do vocábulo *casca* (QFF 031);
- b) “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*) Que nomes dão a essa faixa?” (Questionário semântico-lexical - QSL 017), cujas respostas podem ser: *arco-íris* (e variantes fônicas), *arco-de-velho*, *arco-de-velha*, *arco-celeste*, *olho-de-boi*, etc.

Como exemplo das questões de completar citam-se:

- a) “Um sapato que não é novo é ___” para a obtenção do vocábulo *velho*. (QFF 139).
- b) “Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa: *Quer tomar café ___?*”, cujas respostas podem ser: *comigo*, *com eu*, *mais eu*, por exemplo (Questionário morfossintático – QMS, 027).

Há, ainda a possibilidade de apresentação de gravuras que o falante deve descrever ou reconhecer o objeto ali representado, sugestões de temas a serem desenvolvidos; leituras de textos; leituras de vocábulos ou de pares de vocábulos, e muitos outros, todos esses tipos a depender do objetivo da pesquisa e do nível da língua a ser pesquisado. Pode-se, ainda, utilizar mais de uma técnica durante uma entrevista, como se observa nos questionários do ALiB.

O importante é que se prepare um instrumento adequado para cada tipo de pesquisa, sem a utilização de questionários utilizados em outras, evitando, assim, um procedimento que traz, em geral, resultados inadequados ou mesmo inaproveitáveis. Penso que se deveria ter sempre presente que **o mesmo questionário nunca serve para duas pesquisas cujos objetivos sejam diferentes ou se apliquem em áreas distintas ou em épocas diferentes.**

1.3 EXECUÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

A realização de uma pesquisa de campo exige do pesquisador, além da disponibilidade de tempo e de recursos para os deslocamentos e a permanência nas áreas selecionadas, características pessoais como disposição para enfrentar os imprevistos e capacidade de resolvê-los da melhor maneira possível. E os imprevistos são muitos, variando entre a perda do transporte, a falta de acomodação no hotel já reservado, o defeito do aparelho para registro dos dados, a recusa do informante, a batida do carro, a interdição da estrada, as picadas de insetos, um ônibus parado no meio da estrada, aguardando “esfriar o motor” ou a vinda de um pneu socorro para substituir o pneu furado, o temor de ser assaltado em paradas como essas, e muitos outros, em geral imprevisíveis. Alguns relatos desses imprevistos, ocorridos durante as viagens para a documentação de dados para o Projeto ALiB, encontram-se no *Documentos 6 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil; Histórias e Memórias* (CARDOSO, S et al. 2016)³⁵.

Por tudo isso, a viagem para uma pesquisa precisa ser cuidadosamente prevista com antecedência, utilizando-se essa fase preliminar não somente para preparar o diálogo com o entrevistado, mas também para separar todo o material que deve ser levado, tanto para as entrevistas se possível, em duplicata, como para as necessidades pessoais, incluindo repelente para mosquitos, garrafas de água, remédios e lanterna, entre outros itens.

Deve-se proceder, também, a um contato prévio com pessoas da localidade a ser visitada (funcionários públicos da Prefeitura ou de outros órgãos, Diretores ou professores de escolas), complementando as informações sobre a localidade e, quando possível, solicitando indicação de possíveis pessoas que aceitem ser entrevistadas ou de hotéis ou pousadas para reserva de hospedagem.

1.4 RETORNO DE CAMPO: TRATAMENTO DO MATERIAL

Ao voltar de uma viagem de campo, é essencial que se proceda ao cadastramento e armazenamento adequado do material que foi coletado, com a verificação de que tudo está em perfeito estado. E, em geral, fazer a duplicação do material trazido do campo.

Nas várias vezes em que se observa, ao chegar, que, por exemplo, um grande trecho ou uma entrevista inteira não foram registrados, por defeito do aparelho utilizado ou das condições ambientais muito ruins (no caso de gravações em ambientes com barulho exterior, por exemplo), esse fato deve ser anotado para que seja corrigido, posteriormente, em outra viagem ao campo, com a complementação da entrevista, se possível, ou com a realização de outra que a substitua.

³⁵ CARDOSO, Suzana et al. (Orgs.). *Documentos 6*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil; Histórias e Memórias. Salvador: Quarteto, 2016.

1.5 SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados trazidos do campo nem sempre correspondem inteiramente ao que se pretendeu documentar. No caso de entrevistas geolinguísticas, por exemplo, verificam-se casos de não entendimento da pergunta, por parte do entrevistado, ou da resposta pelo entrevistador, só percebidos posteriormente, na fase de audição para a interpretação correta das respostas que podem ser consideradas válidas.

A ocorrência de termos genéricos em lugar do nome específico, pelo fato de o entrevistado não saber o nome, ou tê-lo esquecido no momento da entrevista, por exemplo, deve ser descartada, durante a análise do material trazido de campo.

Casos desse tipo se encontram, por exemplo, em respostas a questões que visam a verificar a vitalidade de denominações antigas, como *pucumã* (para “substância preta que a fumaça deixa nas paredes e tetos das cozinhas”, “fuligem”) e *borralho* (para “cinza quente, no fogão a lenha, quando terminava a brasa”). Em algumas localidades, a resposta à pergunta: “Como se chama aquilo preto que se forma na chaminé ou na parede, em cima de um fogão a lenha”, foi “fumaça”, nome genérico utilizado em lugar de *pucumã*, *picumã*, *tisna*, etc. No caso de *borralho*, encontrou-se a resposta *cinza*, repetindo o nome que já constava da pergunta³⁶.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: A senhora poderia falar um pouco da importância e, também, da dificuldade de se trabalhar em grupo nas atividades acadêmicas, sobretudo de pesquisa?

Jacyra Mota: Começo a tratar da importância porque vejo mais pontos positivos do que negativos no trabalho em grupo em atividades acadêmicas, principalmente porque o trabalho que vem sendo desenvolvido há mais de 50 anos, na área dos estudos sobre variação linguística, com base em dados empíricos, na UFBA, foi sempre em equipe. Nesse caso estão, por exemplo, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o *Atlas Linguístico de Sergipe*, o Projeto NURC e, atualmente, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Cito, por exemplo, como pontos positivos: a divisão de tarefas, que permite que se desenvolva a pesquisa em menor tempo, especialmente, se for possível, considerando, nessa divisão, as características ou habilidades pessoais dos componentes do grupo; as discussões entre os participantes para dirimir dúvidas, quanto às técnicas utilizadas, quanto aos dados encontrados, quanto aos resultados obtidos, etc. Enfim, em um grupo de pesquisa, podem-se estabelecer estratégias que levem à otimização do trabalho, obtendo-se, com isso, melhores resultados, em menor tempo.

Vale lembrar que essa metodologia foi implantada em nosso grupo por Nelson Rossi, em 1955, ano em que se iniciaram as atividades de pesquisa dialetológica na UFBA, já com a participação de estudantes — fato não comum naquela época. Uma das primeiras

³⁶ Cf., CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra. O genérico e o específico: o que considerar nos inquéritos linguísticos. In: BENÇAL, Dayme; COSTA, Daniela. *Estudos linguísticos em foco*. Perspectivas sincrônica e diacrônica. Londrina: EDUEL, 2019. p. 57-74.

pesquisas foi a realizada, na antiga Feira de Água de Meninos, em Salvador, tendo como objeto as ervas medicinais que ali se vendiam. E, como produto dessa pesquisa foi elaborada pelo grupo a comunicação intitulada Comércio de ervas medicinais na Feira de Água de Meninos, apresentada ao *I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia*, em Porto Alegre, em 1958.

Quanto às dificuldades, deve-se levar em conta, principalmente, o número de componentes do grupo, que, se demasiadamente grande, talvez dificulte o desenvolvimento do trabalho. E, como é preciso que haja harmonia entre os componentes, aqueles que, por alguma razão, se afastarem desse parâmetro, precisam ser afastados do grupo.

Mas têm sido tão poucos e tão esparsos os problemas que temos enfrentado durante todos esses anos, que as vantagens sobrepujam todas as desvantagens. Podemos afirmar que: É preciso incentivar sempre o trabalho em grupo, em atividades de pesquisa.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Para a senhora que contribuições a Sociolinguística e a Dialectologia podem dar ao ensino?

Jacyra Mota: Como em todo estudo científico, os pesquisadores têm como um dos principais objetivos o de divulgar conhecimento sobre o seu objeto de estudo.

No caso de áreas como a da Sociolinguística e da Dialectologia — cujo objeto de estudo é a própria língua —, o que se pretende é fornecer informação atualizada sobre a realidade linguística, com utilização dos meios disponíveis (publicações, palestras, informação *online*), a todos os interessados, entre os quais se encontram os professores, principalmente os de língua materna, os autores de livros didáticos e/ou paradidáticos e os gestores da área de Ensino da Língua.

A divulgação dos resultados, nesse caso, além de ampliar o conhecimento sobre o português do Brasil, deve contribuir também para eliminar os preconceitos linguísticos na escola ou fora dela.

A explicitação desse objetivo está claramente exposta tanto na “Declaração de intenções”, assinada, em Capivari, em 1979³⁷, pelos responsáveis pelo Projeto NURC, quanto entre os objetivos do Projeto ALiB.

Lê-se, na “Declaração de Capivari”, itens 2 e 2.1:

Convencidos de que não deve haver oposição entre o aspecto lingüístico e o pedagógico, os responsáveis pela execução do Projeto no Brasil confiam nos benefícios que advirão para o ensino do idioma das pesquisas em curso, pois se trata de estudar a realidade presente, sobretudo para com ela planejarmos o nosso futuro. (...)

Sem o conhecimento científico de nossa realidade lingüística — sem sabermos quais as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas —, continuaremos a entravar o ensino do idioma com uma inútil sobrecarga de fatos inoperantes e, conseqüentemente, a

³⁷ A Declaração está assinada por Albino de Bem Veiga (UFRGS), Celso Ferreira da Cunha (UFRJ), Nelson Rossi (UFBA), Isaac Nicolau Salum (USP) e Ataliba Teixeira de Castilho (FFCL, Marília), coordenadores regionais do Projeto NURC.

retardar a incorporação à comunidade (...) desta imensa população de analfabetos. (...) Para ser ensinado com eficácia, o português do Brasil precisa, pois, ser minuciosamente pesquisado e descrito em sua diversidade e em sua unidade (CASTILHO, 1970 (Org.), p.76, 78)³⁸.

Entre os objetivos do Projeto ALiB, constam:

1 Descrever, com base em dados empíricos, sistematicamente coletados, a realidade linguística do País, no que tange à língua portuguesa, fornecendo dados linguísticos atualizados não só da diversidade diatópica, mas também da variação diageracional, diastrática, diasssexual e diafásica.

2 Disponibilizar, via *internet* ou através de CD-ROM, o acesso aos dados coletados, possibilitando a audição das realizações de cada área linguística.

(...)

7 Fornecer subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil (CARDOSO, Suzana et al, 2018)³⁹.

Outro aspecto que pode ser trazido à reflexão é a disponibilização dos dados, através das publicações, na forma impressa tradicional, ou em meio digital, como tem sido implementado pelo Projeto NURC (com a publicação das entrevistas em sites⁴⁰) e pelo ALiB (publicado como *e-book*, em 2018, e integrando o projeto *ALiBWeb*, em andamento)

Ao lado disso, vários pesquisadores têm-se dedicado a estabelecer a relação entre as pesquisas linguísticas e o ensino, analisando e trazendo os dados das pesquisas para a escola. Entre esses, podemos citar Stella Maris Bortoni-Ricardo, com as publicações *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula* (São Paulo: Parábola, 2004) e *Nós cheguemos na escola. E agora?* (São Paulo: Parábola, 2005), Edair Maria Görski e Izete Lehmkuhl Coelho, com *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua* (Florianópolis, Editora de UFSC, 2006), obra em que colaboramos (Suzana Cardoso e eu), com o capítulo intitulado *Dialectologia e ensino da língua materna*; Marcos Bagno, com *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* (São Paulo, Parábola, 2007); Marco Antonio Martins, Sílvia Rodrigues Vieira e Maria Alice Tavares (Orgs.). *Ensino de português e Sociolinguística* (São Paulo: Contexto, 2014); Ana Maria Zilles e Carlos Alberto Faraco, com *Pedagogia da variação linguística, diversidade e ensino* (São Paulo: Parábola, 2015); Maria Cecília Mollica e Stella Maris Bortoni-Ricardo, *Profletras Alfabetização e Letramento* (Natal: SEDIS-UFRN, 2018); Maria Cecília Mollica com *Sociolinguística, sociolinguística. Uma introdução* (São Paulo: Editora Contexto, 2016), obra já citada, onde se encontram os capítulos: A importância da Sociolinguística Educacional,

³⁸ CASTILHO, Ataliba (Org.). Projeto de estudo da norma lingüística culta de algumas das principais capitais do Brasil, Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970.

³⁹ Versão não publicada. A 1ª. versão encontra-se em CARDOSO, S. et al. (Orgs.). *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013. p. 9-54.

⁴⁰ Cf., a propósito: <https://fale.ufal.br/projeto/nurcdigital/index.php?action=material> (para dados de NURC/Recife); <https://nurcrj.letras.ufrj.br/> (para os dados de NURC/RJ).

na formação continuada, de autoria de Joyce Baronas (UEL) e Paula Cobucci (UnB) e Sociolinguística aplicada à Educação de Lúcia Cyranka (UFJF), entre muitos outros.

Deve-se lembrar, ainda, que um dos eixos do GT de Sociolinguística da ANPOLL, como já referido, é o de Sociolinguística e Ensino, o que vem confirmar, mais uma vez, o interesse dos pesquisadores na divulgação de suas pesquisas e do aproveitamento dos resultados para a melhoria do ensino.

Clézio Gonçalves/Josane Oliveira: Como referência que é, que conselhos tem a dar aos que querem se iniciar nessas áreas de estudo e pesquisa: Sociolinguística e Dialectologia?

Jacyra Mota: Acredito que a leitura de obras referenciais sobre o assunto, assim como a participação em congressos, seminários e palestras em que se apresentem e discutam pesquisas realizadas nessas áreas ou em os cursos dedicados ao assunto são elementos importantes para os que querem se iniciar em estudos de natureza sociolinguística e/ou dialetológica.

Em suma, a entrevista que nos foi concedida por Jacyra Mota confirma que

a Dialectologia consolida (...) o seu método por excelência e o depura, introduzindo perspectivas de abordagem que complementam a visão diatópica de que resulta a possibilidade de vislumbrar-se, no curso da sua história, diferentes estágios que se firmam em razão da dominância dos enfoques que se podem destacar. Assim se comprova com a história em Portugal e no Brasil (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 16).

Além disso, ainda confirma que “o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, projeto de concretização que demanda tempo, pode, e deve, ser entendido, na verdade, como um conjunto de subprojetos integrados e vencíveis cada um no devido momento” (CARDOSO, 2006, p. 30).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana A. M. O projeto ALIB e sua trajetória. In: MOTA, Jacyra A., CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-34.

MOTA, Jacyra A., CARDOSO, Suzana A. M. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra A., CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.